

O PADRÃO ÉDEN: MODELO DE RESTAURAÇÃO DA CRIAÇÃO

*Jair de Almeida**

RESUMO

A preservação do Éden da corrupção do pecado sugere que Deus, que nada faz sem um propósito eterno, tem um objetivo específico para ele. Acreditamos que tal propósito contemple a habitação da natureza humana do Cristo glorificado, se a ordem natural da criação for observada. O Senhor necessitaria de um lugar físico para habitar, reassumindo assim, como novo representante da humanidade, agora redimida, o lugar de preponderância e governo perdido pela humanidade em Adão, quando este pecou. Existe a probabilidade de que a Nova Jerusalém seja o Éden urbanizado pelo Filho, sendo este, naquele lugar, o seu trabalho, responsabilidade e profissão. Mesmo urbanizado, o Éden ainda preserva a exuberância do Jardim, repleto de plantas e animais. Dessa forma, a soma do Cristo glorificado com o Éden constituir-se-ia em um modelo da restauração de todas as coisas: o Filho encarnado, para os eleitos; o Éden, para todos os demais seres.

PALAVRAS CHAVE

Éden; Padrão; Habitação; Cristo glorificado; Criação; Humanidade.

INTRODUÇÃO

Certamente, a redenção pode e deve ser vista em termos de “restauração”. A humanidade e a criação retornam ao padrão original, devido aos méritos conquistados por Cristo na cruz. Todavia, embora o Éden seja o princípio de

* O autor é bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Rev. José Manoel da Conceição, bacharelado em teologia na Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestre em teologia pelo CPAJ (Novo Testamento) e pastor titular da 1ª Igreja Presbiteriana de Itajaí, SC.

tudo, costumeiramente se enfoca a restauração da criação ignorando-se completamente sua existência. O paraíso perdido em Adão continua invisível aos olhos da escatologia, conforme concebida até hoje. Como supor que o lugar primeiro da habitação humana não esteja mais no propósito do Criador? É estranho assumirmos uma descontinuidade entre o paraíso original e a restauração de todas as coisas. Haveria um papel relevante para o Éden, que justifique e explique a sua preservação? Sugerimos a possibilidade de uma grande importância para aquele jardim paradisíaco, uma leitura escatológica que contemple a totalidade daquilo que o ser humano perdeu, o que impõe a inclusão óbvia do Éden na experiência do homem ressurreto. Não há cristão que não se comova com o amor e a grandeza de Deus vistos nas obras da criação. Nesses momentos, associado ao desejo de adorar ao Senhor e achando-nos absorvidos ante sua majestade, sentimos certa frustração quanto ao presente, pelo que foi perdido um dia em Adão. Saudades do Éden? Pode ser que ele não seja apenas o passado de todos os homens, mas também o futuro dos escolhidos.

1. O MOTIVO DA EXPULSÃO DO HOMEM

A queda do primeiro casal foi devastadora para a posteridade humana. Para qualquer um de nós é algo completamente impossível supor o que tenha sido o conhecimento prático da queda. Como projetar a experiência da perda da perfeição original? Nada, em nossa existência, serve de parâmetro para isso. Até onde tentamos imaginar o Éden, partimos de nossa realidade caída e, efetuando alguma modalidade de matemática espiritual, aplicamos o maior exponencial que a nossa mente pode conceber, e temos um lugar paradisíaco aos nossos olhos. Todavia, segundo o que afirmam as Escrituras, ainda assim tal realidade está muito aquém da realidade que aguarda os filhos de Deus:

...mas, como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam (1 Co 1.29).

É nossa opinião que Deus providenciou uma forma de ajudar o primeiro casal, algo que ia além da indumentária. Depois de declarar que as maldições da queda estavam em vigor, o Criador lhes concedeu roupas mais apropriadas do que aquelas folhas de figueira que coseram para se cobrir. *Acreditamos que a confecção de roupas de peles, através da óbvia morte de animais, trouxe a eles um precioso ensinamento.* Aparentemente, foi a primeira vez que o casal original presenciou a realidade da morte. Como concebê-la anteriormente, no estado de perfeição? Na verdade, era condição *sine qua non* estarem caídos para compreender o que ela realmente significava. Portanto, cremos na possibilidade do Senhor ter aplicado a Adão e Eva uma espécie de tratamento de choque, desmontando um animal literalmente. Destarte, Deus lhes mostrava qual era, essencialmente, a realidade que eles passavam a viver.

A morte passou a fazer parte da vida, sendo definida como um “morrer” organicamente. O ser humano passou a estar sujeito aos efeitos do tempo, sendo a morte, portanto, uma questão de “tempo”. Toda a Criação sofreu o mesmo efeito de morte, estabelecendo-se então as cadeias alimentares e a relação de presa e predador. As demais distorções, anunciadas na forma de “cardos”, “abrolhos” e “espinhos”, simbolizam os efeitos da “morte” no reino vegetal, não apenas nas suas conseqüências para o cultivo humano do solo, como fator complicador, mas também no que tange a parasitas e outras pragas que afetam o próprio reino vegetal. A terra se tornou maldita por causa do homem. O suprimento, como sinônimo do agrado e da bênção de Deus no Éden, é comprometido, e a situação do próprio solo, como diz Sailhamer, torna-se o reverso do que se vê no estado de perfeição.¹ Portanto, a morte, entendida como todas as distorções deteriorantes causadas pelo pecado, passou a ser a norma do reino dos homens. Tematicamente falando, essa foi a causa da expulsão do homem do Éden: ali é lugar de vida, tendo no seu centro a árvore que mostra o significado e o propósito daquele jardim.

Outro fator significativo é a graça e a misericórdia do Trino Criador para com o homem caído. Digno de nota é que o Senhor somente baniu o casal do paraíso depois de lhe anunciar o proto-evangelho (Gn 3.15). Proclamou que o diabo seria derrotado pelo Filho do Homem (da mulher), o que traria a restauração daquilo que acabava de ser perdido. Eles deviam ser expulsos não apenas por causa da maldição do pecado, mas porque, a partir de então, paradoxalmente, a morte passou a ser o único caminho de vida. Para que os eleitos fossem salvos, o ente santo encarnado morreria para assumir a culpa dos eleitos de Deus. Além disso, cada um de *per si* assumiria essa nova condição, restaurada e glorificada, através da morte. Esta, no caso deles, não seria mais para juízo, mas para herdar a vida conquistada por Jesus na cruz do Calvário. Portanto, para evitar que o homem comesse da árvore da vida e vivesse eternamente como pecador, o conselho divino comunicou ao primeiro casal sua ordem de despejo:

Então, disse o SENHOR Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente. O SENHOR Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado (Gn 3.22-23).

2. POR QUE A PRESERVAÇÃO DO ÉDEN?

Chama-nos a atenção o fato de o Éden ter sido preservado da queda. Certamente não sugerimos que ele deveria ter sido destruído ou “desfeito”.²

¹ SAILHAMER, John H.; KAISER JR., Walter, et al. Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers. In: *The expositor's Bible commentary*. Vol. 2. Grand Rapids: Zondervan, 1990, p. 57.

² É curioso que não há um único exemplo nas Escrituras de algo que tenha desaparecido na “não-existência”, tornado-se novamente “nada”, desfeito no sentido de sua própria existência. O juízo de Deus não leva ao “nada”, mas à punição eterna.

No entanto, nosso questionamento deve ser: Por que Deus não permitiu que o Éden, a exemplo do que aconteceu com todo o restante da criação, sofresse os efeitos da queda? A narrativa bíblica é cristalina em nos mostrar que o paraíso edênico foi colocado em uma dimensão de existência inalcançável para qualquer descendente de Adão. “E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolia, para guardar o caminho da árvore da vida” (Gn 3.22-24). A presença de querubins no Éden é sugestiva. A preocupação de Moisés em indicar geograficamente o posicionamento desses anjos nos leva a supor que eles foram responsabilizados pelo Criador para indicar a “saída” ao primeiro casal, possivelmente postando-se de guarda. Curiosamente, as manifestações desses seres espirituais estão sempre ligadas à presença pessoal de Deus, indicando que, de alguma forma, o Senhor faria daquele lugar também a sua morada. Nesse ensaio ficará claro que essa é uma possibilidade fortíssima em relação ao Éden.

2.1 O Éden como possível habitação do Jesus glorificado

Embora saibamos que as duas naturezas de Cristo são indivisíveis em seu ser, é inegável que suas peculiaridades impõem módulos de existência diferentes para a natureza divina e a humana. O homem foi criado para habitar a matéria, governando a criação visível pelo mandato concedido a ele pelo próprio Deus. A divindade, por sua vez, preenche todos os recantos do universo e o transcende. Destarte, o que seria de se esperar é que a natureza humana do Jesus glorificado estivesse em um lugar próprio para sua natureza, um lugar físico, santo e perfeito. É nossa opinião que há grande chance de o homem Jesus ressurreto e glorificado estar, desde sua ascensão, no paraíso perdido de Adão. Não haveria lugar melhor para sua existência como homem. Além disso, seria um motivo que explicaria, em parte, a preservação do Éden da corrupção do pecado. O paraíso era o lugar da comunhão perfeita do Criador com seu gerente, constituído sobre tudo o que havia sido criado. A partir da glorificação de Jesus, volta a ser a morada de Deus com os homens, a saber, o povo eleito, na ocasião do novo céu e da nova terra. Assim, a humanidade, pela obediência e na representatividade do Segundo Adão, regressaria para o lugar de onde o primeiro foi expulso por ter desobedecido.

A ressurreição não altera as categorias que regem a existência criada por Deus. Ao invés disso, reafirma-a em sua perfeição original. Seria difícil supor que há um corpo no reino espiritual de Deus. Isso seria contrariar a ordem da criação. O Jesus glorificado estaria “flutuando”, sem ver absolutamente nada, pois estaria num mundo invisível à matéria e, além disso, privado de alimento. Tal idéia é um tanto docética, além de não encontrar respaldo dentro das leis estabelecidas por Deus que regem toda a criação. Uma vez que o Éden existe e foi preservado da corrupção do pecado, haveria lugar melhor e mais apropriado para a habitação do Verbo encarnado?

2.2 *Adão perdeu o direito de habitar o Éden*

Analisando as Escrituras, percebemos que o primeiro homem recebeu, como que imputado pelo próprio Criador, o direito de habitar no Éden provisoriamente, até que pudesse conquistá-lo por suas próprias obras. Uma vez que ele não poderia ter realizado absolutamente nada antes de ser criado, tal direito foi-lhe concedido por Deus. Nisto vemos a graça e a bondade do Senhor. Todavia, a continuidade naquela vida paradisíaca passaria a depender das obras de Adão; na verdade, da ausência de uma obra, o não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Se o homem praticasse tal ato proibido, estaria assumindo jurisdição sobre si, sendo deus para si mesmo, abandonando sua posição de servo-aliado do Criador e passando a ser seu opositor e inimigo. Assim, o direito de habitar no Éden provisoriamente lhe sobreveio pela graça e a bondade do Senhor. Todavia, sua permanência viria pela aprovação na tentação a que seria submetido. Ao ter dado ouvidos à sugestão maligna de sua esposa, Adão, com isso, perdeu a bênção da habitação provisória e a possibilidade de adquirir o direito de sua permanência, bem como de toda a sua posteridade, no Jardim de Deus.

É notável que a expulsão do primeiro casal do Éden talvez seja o fato mais dramático da história da humanidade, bem como o que melhor ilustra a separação que o pecado causa entre Deus e os homens. O fato de o homem ter sido banido sugere que a santidade de Deus também estava ligada àquele lugar. A presença de seres pecadores ali, de alguma forma, era inconveniente à santidade do próprio Deus. Na verdade, se entendermos que o Éden é visto como o lugar da habitação do Senhor com seus filhos, a permanência do primeiro casal de pecadores tornar-se-ia totalmente inviável devido também a isso. É importante considerar que a primeira causa listada por Deus para o exílio obrigatório da humanidade foi o fato de ela ter se tornado “como Deus”, conhecedora do bem e do mal: “Então, disse o SENHOR Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal”. Logo a seguir é indicada a precaução quanto ao comer o fruto da árvore da vida: “assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente” (Gn 3.22) Nesta ordem, percebemos que o motivo indica primeiro a insubmissão a Deus e, em segundo lugar, a prevenção quanto à árvore da vida. Certamente, o Éden comporta apenas um Deus, aquele que é Único e Verdadeiro.

2.3 *O Segundo Adão conquistou o direito da habitação definitiva*

É fundamental observarmos aquilo que o apóstolo Paulo diz com respeito à ressurreição. Especialmente em sua primeira correspondência aos coríntios, temos algumas verdades importantes para nossa compreensão do assunto de que estamos tratando. Ele afirma:

Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda (1 Co 15.21-23).

A equivalência entre Adão e Cristo como cabeças de raça, está ligada à função representativa ou federativa que ambos receberam. Pelo fracasso do primeiro, todos pecaram. Pela obra perfeita do segundo, os eleitos foram salvos definitivamente. Todavia, o que devemos considerar é a ênfase dada por Paulo à ordem da ressurreição: primeiro Cristo, depois os que nele estão. Precisamos perceber que todo o contexto do capítulo é relativo ao último ato da consumação da salvação, isto é, o retorno de Cristo, a ressurreição e o julgamento. O que se segue à *parousia* é o estabelecimento, é a habitação do novo céu e da nova terra. A ressurreição é o anúncio de que a vida completa é chegada. Todavia, a ressurreição de Jesus se deu muito antes, como “as primícias dos que dormem” (v. 20). Pelo testemunho bíblico, os homens são ressuscitados para habitar no mundo físico. A ressurreição de Jesus, como o modelo do que deverá nos acontecer, pressuporia igualmente tal habitação. Destarte, o Éden seria o único lugar próprio para a habitação do Filho encarnado.

Para que não parem dúvidas com respeito à paridade entre a fisicalidade do corpo de Jesus glorificado e o padrão do nosso na ocasião da ressurreição, é importante considerarmos um pouco mais a escatologia paulina. Ele afirma:

Pois assim também é a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual. Pois assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante. Mas não é primeiro o espiritual, e sim o natural; depois, o espiritual. O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu. Como foi o primeiro homem, o terreno, tais são também os demais homens terrenos; e, como é o homem celestial, tais também os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial (1 Co 15.42-49).

Nossa opinião irremovível segue a de Gaffin. Segundo esse estudioso, as referências a πνεῦμα (*pneûma*) e πνευματικός (*pneumatikós*) em 1 Coríntios 15.44-46 referem-se à pessoa e à obra do Espírito Santo.³ Em outras palavras, o corpo referido nestes versos não é de essência espiritual, mas material. A alusão

³ GAFFIN JR., Richard B. *Perspectives on Pentecost*. New Jersey: Presbyterian and Reformed, 1978, p. 18.

é à obra do Espírito, como agente da ressurreição, o executivo da Trindade, o responsável por recriar os corpos no padrão de incorruptibilidade. Assim, como se tornou comum dizer na nossa tradução em português, o “espírito” no verso 45 deveria ter inicial maiúscula, mostrando que, historicamente, desde Pentecostes, a atuação do Espírito equivale à obra do próprio Cristo. De igual forma, as referências a “espiritual” nos versos 44 e 46 devem ser entendidas como a procedência do corpo incorruptível, originado pelo Espírito Santo de Deus.

Chama-nos ainda a atenção o fato de o apóstolo dos gentios atribuir a Jesus o nome “Adão”. Sabemos que Adão significa em hebraico tão-somente “homem”. Todavia, é digno de nota que esse nome é derivado de “terra”. Na língua hebraica, essa correlação é perfeitamente visível. Gênesis 2.7 mostra que o homem ou “*adam*” (hebraico אָדָם) foi formado de “*adamah*” (hebraico אֲדָמָה). Dunn, ao tratar desse assunto, diz que a semelhança é deliberada. A ligação entre o homem e a terra é ainda enfatizada por ele ter sido responsabilizado pelo Criador para cultivar a *adamah*. Tal afirmação é ratificada ainda mais quando, posteriormente ao pecado, o solo é amaldiçoado junto com o homem, penalidade imposta a ele até que seja novamente integrado à *adamah*.⁴ Realmente, “Deus criou o universo de tal modo que os humanos são inseparavelmente ligados a ele, tanto física quanto espiritualmente. Da matéria comum da terra Deus formou o homem”.⁵ A aplicação do substantivo “*adam*” (grego Ἀδάμ) mostra a necessária ligação do Cristo glorificado com a criação perfeita. O homem foi criado para ser um com a criação; muito mais ainda aquele que, em si mesmo, restaura a humanidade à sua condição original. Portanto, o Cristo em glória deveria experimentar essa unidade com a criação perfeita, preservada na proporção do Éden. Mais do que isso, a glorificação da humanidade em Jesus Cristo está ligada ao desfrute da criação perfeita. Seria difícil supor que a glorificação do homem, criado para viver a matéria, poderia se dar sem essa ligação vital com o seu habitat, matéria-prima de todos os corpos. A ligação do Cristo ressurreto e assunto ao céu com a criação completa o modelo de ressurreição para todos os eleitos.

Dessa forma, aquilo em que Adão fracassou Jesus conclui, conquistando assim, para os seus eleitos, o direito da habitação definitiva no lugar da habitação de Deus com os homens. É digno de nota que as Escrituras afirmam que será concedido ao povo de Deus o alimentar-se do fruto da árvore da vida, que se encontra no paraíso de Deus. Comentando Apocalipse 22.2, Kistemaker assevera que João conduz seus leitores a considerar o lugar que os aguarda,

⁴ DUNN, James D.G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 117.

⁵ VAN DYKE, Fred; MAHAN, David C. et al. *A criação redimida*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p. 75.

levando-os a conceber a habitação no paraíso restaurado, destacando-se nele o direito de comer do fruto da árvore da vida (cf. 2.7).⁶ A figura se torna ainda mais bela ao ser também incluída a idéia de abundância de vida, significada no rio, em cujas margens estão, não uma, mas várias árvores da vida. Isso é sugestivo, especialmente pelo que vemos em Apocalipse 2.7: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus”. Essas são palavras do próprio Cristo glorificado à igreja de Éfeso, enfatizando a habitação do paraíso que, em nossa opinião, é possível ser o Éden, trabalhado pelo próprio Cristo.

2.4 Jesus é o edificador da cidade?

Considerando a possibilidade de que Cristo glorificado esteja no Éden, o que estaria ele fazendo? Certamente, o trabalho é algo ordenado para aquele lugar. Na verdade, não o trabalho para subsistência, mas como característica essencial ao homem por ser imagem e semelhança de Deus, algo que o protótipo da redenção, especialmente, não poderia deixar de ser. Ao admitirmos esse rumo em nosso raciocínio, algumas palavras de Jesus podem se expandidas em seu significado. Na noite em que nosso Senhor foi traído, disse aos discípulos: “Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco; buscar-me-eis, e o que eu disse aos judeus também agora vos digo a vós outros: para onde eu vou, vós não podeis ir” (Jo 13.33). Tal foi o impacto para aqueles que estavam há três anos ininterruptos com Cristo, que grande tristeza se abateu sobre o grupo dos discípulos. Para animá-los, Jesus proferiu palavras de alívio instantâneo, que diziam respeito a realidades imediatas e outras do porvir. Tais palavras são registradas pelo discípulo amado, como segue:

Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também (Jo 13.1-3).

Certamente, a urgência do consolo de que os discípulos careciam fazia com que se tornasse necessário algo que não se cumprisse apenas no final dos tempos. Isso não traria alívio imediato. Portanto, havia um cumprimento local da profecia, além daquele da consumação dos séculos. Este foi consumado na descida do Espírito. Nesse sentido, Jesus já veio para os seus discípulos. Ele não os deixaria órfãos, mas mandaria, da parte do Pai, o outro Consolador (Jo 14.16-18).⁷ Obviamente, esse “primeiro” retorno, não anula a sua *parousia*.

⁶ KISTEMAKER, Simon. Apocalipse. In: *Comentário do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 729.

⁷ Esse é o pensamento de Moisés Silva, conforme anotações de classe de um módulo sobre o Evangelho de João, ministrado no CPAJ em 1996.

Todavia, é indubitável que o cumprimento maior de tais palavras é relativo à consumação dos séculos. Vale a pena investigar um pouco mais aquilo que é afirmado por Jesus. O dito do Senhor quanto ao “lugar” que irá preparar, sugere o ofício de preparar “quartos” de uma grande morada,⁸ ou talvez, como explica Hendriksen, algo que se assemelhe a um grande edifício que possui várias mansões ou apartamentos espaçosos, não um alojamento coletivo ou aglomerados de gente.⁹ Esta última definição assemelha-se à descrição de uma cidade. Cabe agora lembrar qual era o ofício “secular” de Jesus, a profissão que aprendeu de seu padrasto. Daniel-Rops ajuda-nos a entender a extensão das atividades de um carpinteiro na época em que Jesus viveu:

O carpinteiro era de fato muito mais do que um simples colocador de traves. *Naggār* em aramaico, como *tehton* em grego, significava tanto carpinteiro como marceneiro, e num sentido geral “construtor de casas”. Pode-se acrescentar a isso a fabricação de móveis, o ofício de entalhador, construtor de carros, fabricante de arados e jugos, assim como cortador de madeira – uma especialização bastante típica da indústria rural.¹⁰

É importante considerar que “o novo céu e a nova terra” não impõem ao homem a volta a um jardim, responsabilizando-o por arar novamente a terra. As profissões da humanidade ressurreta não serão essencialmente agrárias. Cristo habitará com os eleitos em uma cidade. Seria o caso de Deus criar uma cidade para a habitação dos eleitos? Ou seria esse o trabalho de Cristo no Éden, construindo, nesse lugar de santas delícias, a cidade que tem em seu centro a árvore da vida? Há grande chance disso se dar pelo exercício dos dotes profissionais do Senhor, bem como com sua disponibilidade de tempo para tal empreitada. Essa sugestão nos parece bastante razoável. Não deve ser o caso de estranharmos a possibilidade de tão grande obra ser conferida a apenas um “homem”. Vemos as Escrituras relatarem a ordem dada a Noé para construir um barco de proporções gigantescas para a sua época, e ainda no meio de uma terra árida, longe do mar. Acredita-se que ele levou cem anos para construí-la (Gn 5.32; cf. 6.11). Talvez seja o caso de, assim como a arca foi utilizada por Pedro para tipificar a obra salvadora de Cristo (2 Pe 2.5), os cem anos de construção da arca se liguem à possível obra milenar do Filho encarnado na urbanização do Éden. Além disso, qual seria o desempenho profissional de um homem perfeito, que é a forma humana do próprio Criador?

⁸ RIDDERBOS, Herman. *The Gospel of John*. Grand Rapids/Cambridge: Eerdmans, pp. 489, 490; BRUCE, F. F. *João - introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1987, p. 225.

⁹ HENDRIKSEN, William. João. In: *Comentário do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 650.

¹⁰ DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1988, p. 157.

3. REFERÊNCIAS A JESUS RESSURRETO NO CÉU

Certamente, aquilo que temos proposto neste ensaio se choca com a interpretação literal dos textos que mostram Jesus, em sua essência humana, no “céu”, no estrito senso de habitação de Deus.

3.1 A ascensão

Apenas dois dos evangelhos sinópticos trazem alguma referência à ascensão do Senhor. Marcos, na verdade, faz mais uma alusão do que uma narrativa: “De fato, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus” (Mc 16.19). Lucas, por sua vez, aventura-se a uma breve narrativa: “Então, os levou para Betânia e, erguendo as mãos, os abençoou. Aconteceu que, enquanto os abençoava, ia-se retirando deles, sendo elevado para o céu” (Lc 24.50,51). Portanto, se quisermos conhecer maiores detalhes sobre esse passo da glorificação de Jesus, temos que recorrer ao segundo livro de Lucas. Esse evangelista narra o episódio de forma mais pormenorizada em Atos 1.6-11. Todavia, qual o objetivo central de Lucas ao narrar o ocorrido? Concordamos com Marshall quando afirma que o autor estava mais preocupado em destacar dois ensinamentos do que a ascensão propriamente dita. O fato de Jesus ter sido assunto aos céus realçou aos discípulos: (1) o segredo da *parousia* e a urgência do cumprimento da grande comissão (vs. 7-8) e (2) a certeza e o modelo da volta de Cristo, análogo à sua ascensão (v. 11).¹¹ Certamente a ascensão não pretendeu localizar “geograficamente” o lugar para onde o Cristo glorificado se dirigiu, mas, antes, destacar que estava sendo recolhido pelo seu Pai. O ser oculto pelas nuvens possivelmente identifica a ocorrência da *shekinah*, a presença pessoal de Deus, manifesta na forma de nuvem ou fumaça.¹² Desse modo, a ascensão pretendeu enfatizar que o Filho encarnado voltou glorificado para o seio do Pai. Embora tenha ocorrido de fato, o propósito da ascensão foi transmitir algumas verdades. Tal texto não serve de base para localizar o Jesus ressurreto habitando fisicamente com aqueles que se encontram no estado intermediário.

3.2 A visão de Estêvão

O primeiro mártir do cristianismo foi também o primeiro que teve uma visão do Cristo glorificado. Pouco antes de ser lapidado pelos judeus em fúria, testemunhou a glória do Senhor: “Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus e Jesus, que estava à sua direita, e disse:

¹¹ MARSHALL, I. Howard. *Atos – introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1988, p. 59.

¹² São inúmeras as ocorrências desse fenômeno no antigo Testamento: a coluna de nuvem no êxodo; a nuvem que descia sobre a tenda da congregação; a visão de Isaías no templo.

Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé à destra de Deus” (At 7.55,56). Kistemaker chama a atenção para o fato de Lucas utilizar a mesma fraseologia de quando registrou a reação dos discípulos ante a ascensão de Jesus: “fitou os olhos no céu” (cf. 1.10).¹³ Talvez o evangelista queira sugerir que Estevão olhou para a “entrada do céu”, o que transmite a idéia de olhar para o “lugar” para onde foi o Cristo. Para os seres humanos, ainda mais no estado em que se encontram, é quase uma necessidade identificar realidades espirituais com as de sua existência física, para que possam compreender, da melhor maneira possível, o conteúdo revelado. Assim como as crianças aprendem pelo uso de figuras, mesmo o mais maduro de alma necessitará de comparações com a realidade material para assimilar verdades espirituais.

Nossa opinião é que há o aspecto real e o aspecto simbólico naquilo que viu o diácono martirizado. Certamente, ele teve uma experiência real com Deus, relatando uma semelhança com o que Moisés experimentou no Sinai, pois seu rosto também resplandeceu (6.15). Contudo, há um forte simbolismo naquilo que lhe foi revelado. É inegável que o que viu obedeceu a alguma “linguagem de acomodação”, isto é, foi adaptado à compreensão humana. Isso se torna claro no fato de ele ver, nada menos, que o trono de Deus! A Escritura é axiomática ao afirmar que ninguém poderá ver a Deus (Jo 1:18; 1 Tm 6:16; 1 Jo 4:12). Portanto, o que Estêvão viu foi uma manifestação do Cristo glorificado, o conteúdo do que havia de testemunhar à multidão. O propósito da experiência era ratificar o domínio e a soberania daquele que havia ascendido ao céu. Cristo, de fato, governa junto do Pai. Mais uma vez, é nosso entendimento que tal ocorrência não serve para afirmar a presença física de Cristo na morada espiritual de Deus.

3.3 A visão do trono de Deus em Apocalipse 4 e 5

Não vemos motivo para nos deter muito nesse assunto. Sendo o livro de Apocalipse caracterizado pela linguagem figurativa e pelo uso abundante de simbologia, os mesmos argumentos listados anteriormente aplicam-se integralmente a esse texto. Ele não serve como argumento para se defender a idéia de que a essência física de Jesus se encontra flutuando em uma dimensão espiritual de existência.

4. O ÉDEN COMO PADRÃO DE RESTAURAÇÃO DA CRIAÇÃO

Chegamos à utilidade “messiânica” do Éden como padrão de restauração de toda a criação.

¹³ KISTEMAKER, Simon. Atos. In: *Comentário do Novo Testamento*. Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 369.

4.1 O jardim preservado é o padrão de restauração das criaturas físicas amorais

É nossa opinião que, aparentemente, Deus “elegeu” o jardim para ser o padrão de restauração de todas as coisas à sua condição original. Portanto, assim como Jesus glorificado é afirmado nas Escrituras como o padrão de restauração do ser humano, igualmente o Éden foi preservado para ser o padrão de restauração das demais criaturas físicas. É importante asseverar a inadequação de pensar no Éden meramente como um jardim. Se assim fosse, seria um “deserto perfeito”. Já no período da gênese humana, ele era um lugar povoado não apenas pelo primeiro casal, mas por todos os seres. Adão e Eva conviviam com as criaturas de Deus em seu estado de perfeição e sobre elas dominavam. É sugestivo observar o relato paulino sobre a agonia presente e a redenção futura da criação (Rm 8.18-22). Atribuindo-lhe personalidade, o apóstolo fala de sua angústia por ter sido sujeita à vaidade, por causa do pecado do homem. E da mesma forma que ela se viu caída, almeja o dia da redenção cabal dos eleitos, quando haverá de ser, igualmente, libertada da situação presente. Concordamos com Dunn quando assevera que a glória que será revelada em nós (v. 18) não é a mesma coisa que a adoção de filhos, aludida pelo apóstolo no verso imediato. Esta acontece no tempo presente. Aquela, todavia, constitui-se em acontecimento do último dia, quando os nossos corpos serão transformados em matéria incorruptível.¹⁴ Certamente, a redenção do *Adam* implica o mesmo sobre *adamah*. Em outras palavras, a maldição sobre Adão, que também recaiu sobre a criação, é definitivamente removida pelo Segundo Adão, no último dia. A lógica paulina é claríssima. Como explica Schreiner, o pecado fez com que a criação deixasse de cumprir perfeitamente sua função criacional. A isto Paulo chama “vaidade”.¹⁵ Portanto, a sua redenção indica a remoção da atual condição e o assumir, nova e definitivamente, a ordem perfeita original. Destarte, todas as criaturas, tais quais foram criadas, recuperarão sua existência primeira, bem como haverá também um repovoamento da criação com todos os animais e plantas que já não mais existem. Tal condição original de todas as coisas não foi perdida, mas encontra-se preservada no Éden.

4.2 O Éden escatológico

É muito oportuno atentarmos para o fato de que a visão do “novo céu e nova terra” (Ap 21.1-8) está no mesmo contexto no qual o último dos apóstolos viu a “Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus” (v. 10). Claramente,

¹⁴ DUNN, James D. G. *Romans 1-8. Word Biblical commentary*. Vol. 38A. Columbia: Nelson Reference & Electronic, 1988, p. 468.

¹⁵ SCHREINER, Thomas R. *Romans*. In: *Baker exegetical commentary on the New Testament*. Grand Rapids: Baker Academic, 2005, p. 436.

conforme registrou João, a criação é refeita, restaurada ao seu padrão original. Ela não é destruída, mas restaurada. Não é outra criação, mas a renovação, em perfeição e incorruptibilidade, de tudo o que Deus criou originalmente, até mesmo, a serpente. Acreditamos que o discípulo amado nos deixou pistas convincentes de que a Nova Jerusalém é o Éden urbanizado. Seria realmente muito estranho não haver nenhum papel para o Jardim, uma vez que ele foi preservado. Se o ser humano não está destinado a voltar àquele santo lugar, o modelo físico de uma morada divina objetivando a comunhão com os seres criados à imagem e semelhança divina, o Éden teria sido condenado a ser um memorial eterno da queda, um deserto santo e exuberante, alheio para sempre à experiência humana. Pelas evidências já listadas anteriormente, acreditamos ser razoável a conjectura de que a Nova Jerusalém é o Éden urbanizado, quer pelo Filho, em sua humanidade perfeita, quer pela obra criadora de Deus.

Se a essência humana do Filho encontra-se, realmente, habitando o Éden, então temos ali o padrão da redenção plena de toda a existência. No Cristo temos o padrão do novo-homem, o arquétipo da ressurreição de todos os eleitos. No Jardim, agora urbanizado, conforme o relato de Apocalipse 21.9ss, há o molde para a restauração de todas as demais criaturas. Cristo no Éden seria o modelo de recriação de tudo o que Deus criou originalmente. Digno de nota é que, segundo o que nos diz Isaías:

O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha como o boi. A criança de peito brincarà sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar (Is 11.6-11).

O homem habitará com os animais. A ordem perfeita que regia os relacionamentos, não apenas entre os homens, mas também deles com os animais, será restaurada. A escatologia profética nos mostra que, além da cidade, haverá também bosques e florestas onde os filhos do Segundo Adão poderão transitar livremente. As frutas serão todas disponibilizadas, inclusive aquela que significa a vida eterna que já temos em Cristo. Tal anelo em nossas almas deve nos levar à profunda gratidão e adoração, e a intensificar nossa súplica a Deus: Venha o teu reino!

ABSTRACT

Eden's preservation from the corruption of sin suggests that God, who never acts without an eternal purpose, has a specific objective for it. We believe that such purpose includes the dwelling of the human nature of the glorified Christ, if the order of natural creation is observed. The Lord would need a

physical place to live, thus reassuming, as the representative of the new mankind, now redeemed, the place of preponderance and rule lost by the human race in Adam, when he sinned. There is a probability that the New Jerusalem will be Eden urbanized by the Son, such being his job, responsibility, and profession there. Although urbanized, Eden still preserves the exuberance of the Garden, full of plants and animals. Thus, the sum of the glorified Christ with Eden would constitute the model of restoration of all things: the incarnated Son, for the elect; Eden, for all other beings.

KEYWORDS

Eden; Pattern; Habitation; Glorified Christ; Creation; Humankind.